

58
p68

À MARGEM

A. ARTAUD

Seleção de textos dos alunos do quarto ano de teatro da escola de
Comunicação das Artes do Corpo- 2004
PUC São Paulo
Coordenação de José Rubens Siqueira

O material utilizado na composição deste espetáculo foi pesquisado em duas fontes:
a peça teatral *Artaud – O espírito do teatro*, de José Rubens Siqueira
e todo o material traduzido especialmente para a composição dessa peça.
Outros textos foram acrescentados posteriormente, provindos de outras fontes, e foram retraduzidos a
partir do original francês em busca de uma unidade de linguagem.

PERSONAGENS E ELENCO

OS PINTORES

FRIDAS	Aline
	Ana Paula
	Mirela
POLLOCK	Rogério

AS ESCULTORAS

CAMILLES	Meire
	Tathiana

AS ATRIZES

FRANCES	Joana
	Juliana

O BAILARINO

NIJINSKY	Lua
-----------------	------------

A MUSICISTA

CHIQUINHA	Lenita
------------------	---------------

OS ESCRITORES

PEDRO JUAN	Dipa/Rafa
SADE	Laurindo

LAURINDO - Quando a peste se instala numa cidade as relações naturais desaparecem. Não existe mais lixo, nem exército, nem polícia, nem municipalidade. Surgem fogueiras para queimar os mortos. Ruas inteiras são barradas por montanhas de mortos. Das casas abertas saem os pestilentos delirantes, gritando pelas ruas.

É então que o teatro se instala. É a disponibilidade imediata que leva aos atos inúteis. O filho, até então virtuoso e submisso, mata o pai; o casto sodomiza o primeiro que encontra. Os luxuriosos ficam puros; o avarento atira punhado de ouro pela janela. O herói incendia a cidade que antes tinha lutado para salvar. As imagens da peste são as últimas fagulhas de uma força espiritual que começa no sensível e ultrapassa a realidade.

Como a peste, o teatro refaz a ligação entre aquilo que é e aquilo que não é.

Como a peste, o teatro nos restitui todos os conflitos que dormem dentro de nós.

Como a peste, o teatro é a imagem da carnificina, da separação essencial. Ele desnuda conflitos, libera forças, detona possibilidades.

A peste é um mal superior porque é uma crise completa, depois da qual resta apenas a morte ou a extrema purificação.

Como a peste, o teatro é uma crise que só se resolve na morte ou na cura.

Ele convida os sentidos a um delírio que exalta suas energias e força os homens a se verem como são, faz cair as máscaras, desnuda a mentira, a fraqueza, a baixeza, a desonestidade.

Vocês querem ouvir falar de quem quer ouvir uma conferência objetiva sobre o teatro e a peste e eu quero lhes dar a própria experiência para que vocês se aterrorizem e despertem. Não

percebem que estão todos mortos. A morte de vocês é total, é como uma surdez, uma cegueira. Quero lhes mostrar a agonia. A minha, sim, e de todos os que vivem.

Tudo isso será destruído. É preciso destruir este mundo. Está corrompido, cheio de horror. Um mundo povoado de múmias. Decadência. Morte. Eu quero um teatro que seja um tratamento de choque, para galvanizar, pra jogar as pessoas na sensação.

CENA 1

- LUJA - Passo meu tempo lutando entre o verdadeiro e o falso no plano da mente. Mas já basta... basta. Não agüento mais esse debate interno comigo mesma. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.
- DIPA - Eu me perco nos meus pensamentos como num sonho... Me falta uma concordância das palavras com a minúcia dos meus estados. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.
- JOANA - Sinto-me completamente perdida. Minha alma está comida, partida. A doença me esvazia o corpo e o espírito, me rouba a noção de mim mesma, do ser, da vida. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.
- ROGÉRIO - Dilatar meu corpo da minha noite interior, do nada interior do meu eu que é noite, nada, irreflexão, mas que é a explosiva afirmação de que existe alguma coisa para dar lugar: o meu corpo! Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.
- ALINE - O meu corpo é um cataclisma. Essa terrível sensação de perda, de coisa abortada. Sofro de uma terrível doença do espírito. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ANA PAULA - Não sou eu que sou este corpo. (*fala com o próprio corpo*) O que sinto você nunca quer sentir e me dá sempre a sensação contrária. Você não quer o que eu quero. Você me propõe o mal. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

MEIRE - O meu corpo é meu, não quero que disponham dele. No meu espírito circulam muitas coisas, no meu corpo nada circula além de mim. É tudo o que me resta de tudo o que eu tinha. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

MIRELA - Minha coluna vertebral estala em vários pontos e dói aqui em cima. Sinto uma fraqueza terrível que me deixa a ponto de cair de repente. Essa terrível situação interior, esse movimento de respiração. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

LENITA - Vou me sufocar em mim mesma, sem conseguir me reconhecer, sabendo perfeitamente que estou em algum lugar, o diabo sabe onde, como se estivesse morta. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

JÚ - Estou com fome, martirizada, envenenada. É assim que eu vivo nos asilos de alienados faz cinco anos e quatro meses... (*grita*) Me devolvam para minha família que não é da terra, mas do céu. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

TATHI - Venham me buscar para me colocar em algum outro lugar. Quero um regime de gente. Não de fera. A loucura é como a morte. Estou morta e minha alma, que teima em viver, não consegue libertar-se. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

TODOS - Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus... Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus...

Todos se calam.

LAU - Pra viver eu preciso de poesia.

DIPA - Antes daquele pedaço de chocolate que me deram anteontem, na sexta-feira, eu não comia chocolate há oito meses.

LENITA - Fico meses sem comer um pouco de açúcar.

MIRELA - A manteiga, nem sei há quanto tempo não provo manteiga...

MEIRE - Já não me levanto da mesa sem uma impressão de fome.

ROGÉRIO - Não sou homem de esquecer o próprio dever por uma coisa qualquer, mas que ao menos não me censurem por falta de energia num momento como este, em que não recebo nas rações nem

manteiga, nem açúcar, nem chocolate.

TATHI (*grita*) - Até o pão é insuficiente.

JOANA - E, sobretudo, não me façam mais eletrochoques.

Ruído de choque elétrico, as luzes oscilam.

JÚ - Cada aplicação de eletrochoque me afunda num terror que dura algumas horas.

JOANA - Fico desesperada a cada nova aplicação porque sei que ainda uma vez vou perder a consciência.

ANA PAULA - Perder a consciência...

JOANA - Por um dia inteiro vou me sufocar em mim mesma...

ANA PAULA - Em mim mesma...

JOANA - ...sem conseguir me reconhecer, sabendo perfeitamente que estou em algum lugar, o diabo sabe onde...

MIRELA - O diabo! O diabo!

JOANA - ...como se estivesse morta.

DIPA/RAFA - Eu preciso de poesia.

LUA (*dança*) - Preciso de poesia em torno de mim. Não admito que o poeta que eu sou esteja fechado há seis anos num hospital psiquiátrico porque desejava realizar na natureza a sua poesia.

DIPA - Passo meu tempo lutando entre o verdadeiro e o falso no plano da mente. Mas já basta... basta...

ROGÉRIO - Não agüento mais esse debate interno comigo mesmo.

ALINE - É preciso, a qualquer preço, voltar a encontrar a memória de alguma coisa.

TATHI (*grita*) - Não agüento mais esse debate interno comigo mesma.

DIPA - Viver não é seguir monotonamente o curso dos acontecimentos, na rotina habitual desse conjunto de idéias, de gostos, de percepções, de desejos, de inapetências, que a gente confunde com o próprio eu, entre os quais a gente se sacia sem ir mais longe e sem procurar mais além.

ROGÉRIO - (*grita*) - Não agüento mais esse debate interno comigo mesma.

MIRELA - Viver é dominar-se e cada homem não faz mais do que abandonar-se a si mesmo.

ALINE - Começo a acreditar que não haverá mais ilusões e que só se pode sonhar aquilo que já existe.

- TODOS - Só se pode sonhar aquilo que já existe.
Só se pode sonhar aquilo que já existe...
Só se pode sonhar aquilo que já existe...
Só se pode sonhar aquilo que já existe... *(e começa a cantar até o final da cena)*
- LUA - Nós nos enganamos sobre tudo. Sobre tudo. Não enxergo nada que não esteja alterado. Alterado. Por isso é que eu renunciei a tudo. Tudo. Tudo. Para encontrar a minha luz nata. Para que a minha vida possa ressuscitar.
- MIRELA - Porque a alma é um bem de todos.
- ROGÉRIO - O marxismo pretende ser científico, fala da consciência de massa, mas não destrói a consciência individual. E por isso é gratuito e romântico.
- DIPA - A destruição da consciência individual é uma idéia profunda de cultura que gera uma forma completamente nova de civilização. Não se sentir como indivíduo significa escapar desse temível capitalismo da consciência.
- JÚ- ...a alma... a alma é um bem de todos.
- MEIRE - Não sei mais o que é normal e o que é supra-normal. Sei o que é: isso é tudo. Essa separação entre o que se pode e o que não se pode discutir socialmente não me interessa mais.

LAU - Mas essas coisas são muito perigosas para serem ditas sem perigo em um asilo de loucos.

Vão se dispersando.

CENA 2

Cada personagem está num canto do pátio. Dipa escreve em seu corpo, aparentemente uma carta. Tathi também começa a cena escrevendo e depois abandona essa ação.

DIPA/RAFA - *(para de escrever. Tentando localizar de onde vem o som)* Anjo?
Anjo querido. Penso em você o tempo todo. Estes dias pensei que ia morrer.

TATHI - Eu te amei!

DIPA - Sinto-me completamente perdido.

TATHI - Se você tivesse podido ver no meu coração a profundidade do sentimento que me ligava a você...

DIPA - Te escrevo para fixar meu pensamento no momento em que ele ocorre. Até meu pensamento me abandona de todas as maneiras.

TATHI - Mas não...

DIPA - Se você soubesse como eu sofro.

TATHI - Se você soubesse como eu sofro.

DIPA - Ainda sinto o gosto de uma boca de mulher que me persegue.

TATHI - Deito-me toda nua para imaginar que está ao meu lado, mas quando acordo já não é mais a mesma coisa!

DIPA - Pense um pouco antes de me censurar.

TATHI - Te dou a minha alma...

DIPA - Faço tudo por você...

TATHI - Te dou a minha vida.

DIPA - Aceito tudo de você.

TATHI - Meu destino é cruel. E sei que me preparou um golpe ainda mais cruel.

DIPA - Estes dias pensei que ia morrer...

TATHI - Estarei preparada.

DIPA - *(quebra ação. Dipa ouve novamente um som) Anjo? Anjo querido. (sai a procura de alguém.)*

TATHI - Na realidade, estive sempre só. Você nunca foi meu homem. Nem em espírito, nem diante de Deus.

DIPA - Eu te amei!

TATHI - Eu te amei!

DIPA - Anjo? *(continua procurando por alguém. Toca quem encontra pela frente. Agitado. Tentando reconhecer).*

TATHI - Eu nunca estive completa. Agora considero que você sempre me foi estranho.

Dipa encontra Tathi. Insiste nela. Descoberta um do outro, como se não se conhecessem, toques de reconhecimento num crescente. Explosão corporal, abraço, beijo... Até Tathi sentir Dipa como um estranho e forçar a separação dos dois.

DIPA - seremos sempre duas almas que se amam, além da vida...

TATHI - ...e isso você não tem o direito de tirar de mim!

DIPA e TATHI - Sua alma não pode me abandonar...

DIPA- Você não tem o direito de pensar que eu quero te abandonar.

TATHI - Salva minha alma...

DIPA- Salva a minha vida...

TATHI - Vou gritar até os demônios me ouvirem, até os mortos virem me buscar.

DIPA- Você não tem o direito de pensar que eu quero te abandonar.

TATHI - Se você quer a sua liberdade vai tê-la, mas isso não lhe trará felicidade porque haverá alguém arruinado na sua porta...

DIPA e TATHI - EU!

Preparam-se para o banho.

JOANA – *(com voz muito grave e rouca, girando no centro)*

Roá de l'órqui-munde
arqui-puncta-tamunde
nuncta-taclér arcunde
orcund talí sunctrá
(tórchti talár achpátra)
Taur-droc-stolfir-taltrá
Taurcht bruc stulchtur tungotra.
Tomár tufór toptrám

CENA 3

Como se uma fosse o reflexo da outra, Aline e Mirela fazem as mesmas ações. Ana Paula começa a girar em torno delas e em torno de si mesma.

ALINE - Não sou eu que sou este corpo.

MIRELA - Corpo você mente...

ALINE - ... mente e desobedece.

MIRELA - O que eu quero você nunca quer sentir.

Todos os outros internos também começam a girar.

ALINE - E me dá sempre a sensação contrária.

MIRELA - Você não quer o que eu quero.

ALINE - Você me propõe o mal.

ALINE e MIRELA - Um dia vou te mandar embora.

Começam a correr, derrubam Aline e Mirela.

Aline rasteja até o banco colocado ao fundo.

Mirela é suspensa pelos internos.

Ana Paula cai no chão depois de perder o equilíbrio no giro e a procura de salvação se dirige a platéia.

ANA PAULA - Há dias em que o coração sente que é tão terrível a falta de saída que se surpreende, como um soco na cabeça, com a idéia de não poder seguir adiante. Pense um pouco em mim antes de me censurar. Faço tudo por você. Te dou a minha alma. Venha me buscar o mais cedo possível. (*exaltada, no ápice da dança suspenso de Mirela*) Sua alma não pode me abandonar. Salva a minha vida, salva a minha alma.

ALINE - (*interrompendo toda a ação*) Não agüento mais esse debate interno comigo mesma.

Ana Paula para instantaneamente para ouvir.

Mirela é colocada no colo de Aline.

Os internos aos poucos vão voltando as suas ações cotidianas.

ALINE - (*com Mirela no colo e despindo suas costas*) Passo o meu tempo todo lutando entre o verdadeiro e o falso no plano da mente. Mas já basta. Basta.

Ana Paula começa a se dirigir até as duas e ajoelha-se diante delas.

MIRELA - Minha coluna vertebral estala em vários pontos e dói aqui em cima. Eu sinto espasmos dolorosos do lado direito do pescoço que me tiram a respiração, os membros ficam insensíveis e começam a formigar, as vezes tenho todos os sintomas de febre alta, calafrio, zumbido nos ouvidos, dor causada pela luz.

ANA PAULA - *(deslizando o dedo pela coluna de Mirela, de cima para baixo)*

A realidade é terrivelmente superior a qualquer história, a qualquer fábula, a qualquer super-realidade.

Ana Paula começa a desenhar sobre a coluna de Mirela.

ALINE - Toda a minha obra é calcada sobre o nada, sobre essa carne, essa mistura de fogos extintos, de gritos abafados e de carnificina. E não se pode fazer nada, nem dizer nada. Sofre-se apenas. Desespera-se e luta-se. Eu creio que na verdade a gente luta.

MIRELA- E esse combate tem nome?

ALINE- Não mesmo.

ANA PAULA- Porque dar nome ao combate é matar o nada, é deter a vida e não se pode jamais deter a vida.

ROGÉRIO *(grita)* - Ópio, pão, queijo, conservas, frutas... *(começa a chorar, cai no chão, se enrola)* ...um bolo.

Todos se juntam para olhar, ninguém faz nada, só observa, em círculo em torno dele.

Menos Lua e Lenita que já estão colocadas para a cena seguinte.

CENA 4

Todos estão em cena, espalhados, jogados. As duas estão sentadas no chão, Lua no colo de Lenita.

AS DUAS - Se você pudesse ver no meu coração a profundidade, a gravidade, a solenidade do sentimento que me ligava a você...

LUA - Tenho um nome que minha mãe me deu quando eu tinha quatro anos.

LENITA - Tenho a sensação de algo irremediável. Irremediável. Algo irremediável.

Laurindo e Dipa carregam Lua na mesma posição para longe de Lenita.

Rogério se liga a Juliana.

LUA - Tenho a sensação de algo irremediável. Minha solidão não tem limites e curva-se debaixo do horror de pensar que, na realidade, estive sempre só.

Durante o próximo texto todas as mulheres em cena tornam-se mães ou filhas, indo para as posições iniciais de Lenita e Lua. E os homens mantêm-se em cena porém apenas observando.

LENITA - É preciso a qualquer custo voltar a encontrar a memória de alguma coisa. A gente só se submete à influência de alguém quando já temos dentro de nós o embrião dessa influência; a influência é uma revelação de si mesma, não uma limitação.

LUA (ecoa)- Estive sempre só. Estive sempre só.....

Aos poucos as mulheres vão abandonando as posições.

LENITA - (*para Rogério*) Porque cada vez que eu chego a um ponto capital da minha vida nunca chego como um ser inteiro?

LUA - (*para Dipa*) Não existe contradição em minha atitude, nem aparente, nem profunda, nem dissimulada.

LENITA - Porque cada vez que eu chego a um ponto capital da minha vida nunca chego como um ser inteiro?

LUA - Tenho um nome que minha mãe me deu quando eu tinha quatro anos.

LENITA - Não vim aqui para colecionar lembranças caducas que o sistema vai logo transformar em idéias para cartazes e modelos para costureiros.

LUA - De agora em diante, esse segredo escondido que iguala o dia e a noite tem de ser puxado para fora. Tem de servir.

LENITA - Servir para a minha crucificação. Meu destino físico está preso a isso: queimar. Arder para sempre

LUA - Não existe mais uma simples parcela de mim mesma onde eu possa me refugiar.

AS DUAS - Se você pudesse ver no meu coração a profundidade, a gravidade, a solenidade do sentimento que me ligava a você...

CENA 5

ANA PAULA - Estou vestida de negro, de vermelho e de aço, como um guerreiro, para impedir de ser possuída por ele. Declamar um poema é orar. E orar significa antes de tudo, expulsar o Mal de si mesmo.

O Cristo voltou para restaurar a verdade Pagã. O mistério de Deus foi ter nos dado Jesus Cristo.

LAURINDO - Ekhar ekhar isti
Penstsan Fantam zellar Panterbra
Iterta
Uda napen itira
Era dapen etra
Foz ale karbum
Fichta dale daperta
Utra utra daperta
Itra itra daperta

ANA PAULA - Este suplício deve cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício vai cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar... Porque eu sei quem eu sou. Eu sei de onde vim. Não me dêem mais eletrochoques.

LAURINDO - Eu sei como são feitas as coisas. Eu sei quem sou eu. E não posso mais perder a razão porque Deus está nos meus nervos e daí me dirige, não sinto mais o meu corpo, os meus limites definidos.

E sou mais feliz de pertencer ao ilimitado do que de pertencer a mim mesmo.

ANA PAULA - Hoje em dia ninguém é capaz de compartilhar uma sensação com o outro.

CENA 6

ROGÉRIO - Seu estado melhora dia a dia.

JÚ - Que estado?

ROGÉRIO - Que estado?

JÚ - O que eu faço é prolongar ao real a minha idéia de poesia.

ROGÉRIO - O que é um autentico louco?

JÚ - O que é um autentico louco?

ROGÉRIO - O que é um autentico louco?

JÚ - É um homem que preferiu ficar louco em vez de prevaricar contra determinada idéia superior de honra humana. É quase impossível ser médico e honrado. Mas é absolutamente impossível ser psiquiatra sem estar marcado pela mais indiscutível loucura: a de se converter num inimigo nato e inato de todo gênio. E em todo demente existe um gênio incompreendido. A medicina nasceu do mal ou, pelo contrário, provocou e criou a doença para dar a si mesma uma razão de ser. A sociedade manda estrangular em seus manicômios todos aqueles de quem quer se livrar por terem se recusado a se converter em cúmplices de algumas imensas porcarias. O louco é um homem que a sociedade não quer escutar e que quer impedir de propagar verdades insuportáveis.

ROGÉRIO - Se me acreditam louco ou megalomaniaco, pior pra eles!!

DIPA - *(escrevendo no corpo)* Se sou poeta e ator, não é para escrever ou declamar poesia, mas para viver a poesia. Quando declamo um poema, não é para ser aplaudido, mas sim, para sentir corpos de homens e mulheres. corpos. Tremerem e se transformarem em uníssono com o meu.

Todos se levantam.

CENA 7

LUA - A sociedade me come e come os outros e quis me assassinar e fazer desaparecer porque eu vi que ela me comia.

MIRELA - Um alienado é também um homem que a sociedade não quis escutar e que procurou impedir de propagar verdades insuportáveis.

LENITA - Pois a sociedade manda estrangular em seus manicômios todos aqueles de quem quer se livrar ou defender porque se recusaram a se converter em cúmplices de algumas imensas porcarias.

MEIRE - E foi para calar a minha boca que me atiraram numa prisão e depois me encarceraram num asilo de alienados durante 9 anos.

LENITA - 9 anos num asilo de alienados e nunca tive a obsessão do suicídio. Mas eu sei que a cada conversa com o psiquiatra de manhã, na hora da visita, me surge o desejo de me enforcar ao compreender que não posso degolar a ele.

MEIRE - Os nove anos que estou aqui são como nove eternidades

MIRELA - O que define a vida é que destilamos, nós todos, as nossas percepções, as nossas impressões e que vivemos só a conta-gotas.

MIRELA - Vocês são idiotas.

MEIRE - Do mais inteligente ao mais medíocre.

LUA - Do mais perspicaz ao mais obtuso.

TODAS - Vocês são uns bostas.

LENITA - Quero dizer que vocês são cães.

MEIRE - Quero dizer que vocês latem.

MIRELA - Que vocês se obstinam em não compreender.

TODAS - Eu me conheço e isso basta, isso tem de bastar.
Eu me conheço porque fico me assistindo.

CENA 8

ROGÉRIO - Tudo o que cheira a merda, cheira a ser.

Deus é um ser?

Se é, é merda.

Se não é, não existe.

Nada de freiras, nada de mães de família cristãs, mães de família adúlteras com suas almas de pássaro, uma mãe de família adúltera, uma mocinha repútera que me servirão um tempo e repartirão depois para suas íntimas putarias. Nada de arroz, nada de semolina, nada de tapioca, esperma e merda, merda dura e macerada, esperma seco e amassado.

MIRELA - Deus é todo mundo, Satã é o eu!

ROGÉRIO - O esperma e a merda estavam no começo de tudo como a excreção e a ejaculação de meu corpo, que é o útero fetal porque madame uterina fecal sou eu. – O corpo é placenta, quintessência da merda, da caca, do esperma, merda ópio, merda farinha, merda açúcar, merda limão, caca castanha.

CENA 9

Aline, Meire e Tathi estão em cena.

Uma está alisando um busto já pronto, a outra desfazendo um busto desfigurado e a terceira amassando jornais para embrulhar os bustos.

Ao todo dois bustos prontos em cena.

MEIRE – *(olhando para a escultura, reflexiva)* Não acredito mais na pureza dos homens. Nunca ninguém escreveu, pintou, esculpiu, modelou, construiu, inventou nada senão para sair realmente do inferno

TATHI – *(sussurram)* Nunca ninguém esculpiu senão para sair realmente do Inferno.

MEIRE – *(olhando para o público, alteração de estado, convicção)* Abandone suas pesquisas sobre personagens humanas,

~~TATHI~~ - É o homem o que mais nos emerdeia... (começa a se limpar, aos poucos vai parando)
ALINE

TATHI – *(se limpando e olhando Meire)* A loucura é como a morte. Estou morta e minha alma que teima viver, não consegue libertar-se.

MEIRE - Minha solidão não tem nome nem limite e curva-se debaixo do horror de pensar que, na realidade, estive sempre só.

As três embrulham os bustos em jornal e colocam junto com os outros já embrulhados.

A primeira caminha lentamente observando as obras que irão ser destruídas.

As outras duas observam.

Cada uma faz um gesto que aos poucos vai se acentuando.

MEIRE - Sofro de uma terrível doença do espírito. Não estou conseguindo ser eu, mas apenas uma parte de mim. Meus pensamentos me abandonam de todas as maneiras. Não acredito mais na pureza dos homens. Nunca ninguém pintou, esculpiu, modelou, construiu, inventou nada senão pra sair realmente do inferno.

TATHI e ALINE (ecos)- Nunca ninguém pintou, esculpiu senão pra sair realmente do inferno.

TATHI- Abandone suas pesquisas sobre personagens humanas. É o homem o que mais nos emerdeia

MEIRE e TATHI – A loucura é como a morte. Estou morta e minha alma que teima em viver não consegue libertar-se..

ALINE - O ópio faz ver coisas de alucinado. Assim como o peiote, ele dispensa o maravilhoso, mas tornando sempre mais maravilhosamente aceitável a fadiga que se sente para apreender as coisas na simplicidade da vida.

MEIRE - Esta mesa de madeira rústica. Sem ópio ela é cor de ocre sujo. No fundo, não é assim. O ópio me mostra a mesa com ela é na terra da sua floresta, um servidor pleno de compaixão, vermelho-sangue, sangue dos suplícios que essa matéria sofreu antes de me sustentar.

TATHI - Assim não terei mais necessidade de uma mesa, pois posso plantar florestas inteiras para liberar tanta matéria sepulta na terra da eternidade. Florestas de corpos que são almas, almas que enfim serão seres, por que serão corpos-chama.

ALINE - Nada se perde.

MEIRE - Tudo se cria.

TATHI - E no ópio é que a vida um dia foi criada...

tempo

ALINE - Mas o ódio desnaturou a vida.

MEIRE - O ódio desnaturou.

TATHI - A vida.

AS TRÊS JUNTAS (*com um ligeiro eco*) – O ódio desnaturou a vida

.Joana grita e em seguida, sem transição, canta com grande delicadeza.

JOANA - o kroma tata ka ni kroma
o kha noma okhi no khroma

.Joana e Jú juntam-se a ela.

JOANA, JÚ – (*cantam baixinho*) ô mardur dau taetê
omardur dô báti ê
dapurfár da castrirêna
mataní tu ich
abedê a dála béle
akurn

JOANA - akurn

JÚ - akurn

JOANA - akurn

E continuam cantando a palavra baixinho, meio sobrepostas, até sumir.

Lua dança enquanto elas cantam.

DIPA - Não gosto de poesia de superfície que transpira a ociosidade feliz, que sai do intelecto...

LAURINDO - ...mesmo que o intelecto se apóie sobre o cu.

DIPA - O cu é um terror sempre e eu não admito que se perca um só excremento sem se sentir também um laceramento pela perda da alma.

ROGÉRIO - Ratara ratara ratara
atara tatara rana
otara otara katara
otara ratara kana
ortura ortone konora
kokoni kokona koma

LAU- Parece que a consciência está ligada em nós ao desejo sexual e à fome.

JÚ - Para existir basta ser, mas para viver é preciso ser alguém, é preciso ter um OSSO!

Subitamente, num grande gesto, ela agarra o sexo de Dipa.

Grande e breve excitação de todos, risos, gritos.

JÚ - É preciso ter coragem de mostrar o osso e esquecer a comida.

LAU - O desejo sexual e a fome.

JÚ - O homem preferiu a carne.

CENA 10

Febril, agitado, Dipa escreve grandes letras com giz numa parede:

EDA PENTAM ZAM MASKUNDA
RUDA CUMCUDA RUDA PUPTA

Rogério e Laurindo observam.

Lau esconde risadinhas com a mão, como uma criança tola.

Dipa bate em Lau, Lau se cala.

DIPA (*indignado*)- Pode-se inventar a própria língua, a língua pura com um sentido extragramatical, mas é preciso que esse sentido seja válido em si, que provenha do horror, o horror que faz brotarem os versos da própria doença: o ser. (*Lau ri, Rogério bate nele*) Quando se escava a caca do ser é preciso que a poesia feda. Gosto da poesia dos esfaimados, dos doentes, dos párias, dos envenenados, dos supliciados da linguagem que se perdem em seus escritos sem saber, balindo e bramindo de dor e de horror. (*Lau ri, Dipa bate nele*) Abandonar a linguagem e as suas leis para torcer e desnudar a carne sexual da glote, de onde brotam as asperezas seminais da alma e os lamentos do inconsciente...

LAURINDO - Eu gosto das poesias que brotam impetuosamente.

ROGÉRIO - Quando escrevo ou quando leio quero sentir a minha alma se erguer.

LAU - O homem, quando não reprimido, é um animal erótico, traz dentro de si um tremor inspirado, uma espécie de pulsação...

JÚ - ...produtora de bichos sem conta que constituem a forma que os antigos povos terrestres atribuíam universalmente a deus. O homem está doente porque está mal construído. Podem me amarrar o quanto quiserem, mas temos de desnudar o homem para raspar esse micróbio que nos pica mortalmente: deus. E junto com deus os órgãos porque não há nada mais inútil do que um ÓRGÃO.

Subitamente, num grande gesto, ela agarra o sexo de Lau.

Todos gritam e se agitam brevemente.

JO (*canta, docemente*) – Ô réche modô

to edirê

de za

tô dárri

do paderrá coco

co.... COOOOOOOOOOOOO

Faz-se um breve silêncio, todos suspensos.

Jo e Jú cantarolam a mesma canção e dançam juntas, afastando-se.

Jô e Jú aproximam-se da boca de cena, cochicham para um espectador qualquer:

JO e JÚ (*sussurrando, cada uma de um lado*) – Quando tiverem dado ao homem um corpo sem órgãos, o homem estará liberado de todos os automatismos e terá de volta sua verdadeira liberdade.

JÚ (*possessa*) – Me devolvam para a minha família, que não é da terra, mas do céu.

JO – (*serena*) Verdadeira liberdade. Liberdade.

As duas se abraçam e sentam, quietinhas, se consolando como duas irmãzinhas.

Enquanto isso, Jú ficou sozinha entre Lau e Dipa.

Dipa a ameaça sexualmente, ela recua.

Lau a seduz com um lenço de seda

Posiciona o corpo dela para ser possuída por Dipa.

Quando começa o ato sexual, Lau deixa os dois e senta-se numa cadeira, assistindo.

LAU (*para o público, apresentando o ato sexual*) - Parece que a consciência está ligada em nós ao desejo sexual e à fome.

O sexo prossegue, cada vez mais furioso.

Todos assistem sentados nos bancos.

Rogério se agita e sussurra, quase cantando, acompanhando o ritmo do sexo furioso:

ROGÉRIO - Ratara ratara ratara
 atara tatara rana
 otara otara katara
 otara ratara kana
 ortura ortone konora
 kokoni kokona koma
 kurbala kurbate kubaru

kurbara kurbata kub
 pesti anti pestantom putam
 pest anti pestantom putra

Termina o ato violento.

Dipa levanta-se, arranjando a roupa, olha o corpo inerte de Jú no chão.

Algo mudou dentro dele, Dipa se afasta e vai sentar-se ao lado de Rogério, que assistiu a tudo absolutamente alheio.

Todos olham intensamente para Jú caída no chão.

Jo começa a choramingar, temendo que esteja morta.

Depois de um momento, Jú move-se muito lentamente.

Arranja a roupa sobre as pernas.

Levanta-se com extrema dignidade, uma rainha, e só então cobre os seios.

Estende os braços para o chão, olha para si mesma, enojada.

JÚ – Estes pés estes ventres estas costas estas mãos estes braços estes joelhos estes dentes que fazem buá e buá bualá buracá burtra e que chupam bichos do ar que alguns vêem e outros não e esses bichos que fazem cocô ali e ali e ali e ali tudo isso é deus e o que é deus depois de tudo isso? não sei não entendo não sei não entendo não entendo não entendo...

Senta-se com Jo, que a recebem, deita-se no colo delas.

LAU - Não foi uma violação, ela prestou-se ao obsceno repasto. Ela gostou disso e também aprendeu a agir como animal, a comer o seu rato DELICADAMENTE.

CENA 11

Laú tira de dentro da roupa uma grande ratazana morta, todos o cercam querendo pegar o bicho, mortos de fome em imensa algazarra.

Dipa tira de dentro do bolso um pedaço de pão duro e chora, roendo.

ALINE – *(com voz muito aguda)* Finikias...

DIPA - *(muito grave)* ...atum, atum, atum, atum, atum, atum, atum... *(continua falando, como um bordão, marcando o ritmo das falas dos outros)*

TATHI - tchorékias,

ROGÉRIO - maionese de peixe,

JOANA - pão de buiabésse,

ANA PAULA - aioli, maçã,

ROGÉRIO - ovo cozido,

DIPA e LAU *(muda o bordão, continuaM marcando o ritmo das falas dos outros)* piláf, piláf, piláf, piláf, piláf, piláf..

MIRELA - lasanha,

LENITA - tomate, abobrinha recheada,

DIPA, LAU e ROGÉRIO (*hordão*) - cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz,
cuzcuz...

JÚ - canelone,

ANA PAULA - patê *en croûte*,

HOMENS – (*hordão*) pão, pão, pão, pão, pão, pão, pão, pão....

LUA - manteiga, geléia, café, bolacha,

MEIRE - bolo de amêndoa, chantili, bolo de castanha, mil-folhas,

ROGÉRIO - tortinhas do Espírito Santo,

MEIRE - *cake* de pão sem levedo,

HOMENS – (*hordão*) babá-ô-rum, babá-ô-rum, babá-ô-rum, babá-ô-rum, babá-
ô-rum...

JOANA - massa gratinada, carne moída gratinada,

MEIRE - bolo de semolina,

LENITA - nugá negro, nugá branco de Saint Tropez,

HOMENS (*junto com ela, iniciando outro hordão*) nugá, nugá, nugá, nugá,
nugá, nugá...

LUA - crocante montado com açúcar tratado,

MIRELA - tcheblebuzê,

LENITA- figos, nozes, avelãs, bananas, amêndoas, tâmaras, peras, ameixa
recheada, tâmara recheada, pera confeitada, tâmara confeitada,

TODOS - HALVA!

CENA 12

Aline levanta-se do banco e caminha, circundando os bancos até voltar ao seu lugar.

ALINE – Não, eu, não: não exatamente eu, eu só quero pintar quando não tiver mais nada na cabeça. Nunca pude viver, pensar, dormir, falar, comer, escrever...nunca pinteí senão pra dizer que eu nunca fazia nada, que eu não podia fazer nada e que, fazendo alguma coisa, na realidade eu nada fazia. Toda minha obra é calcada sobre o nada. Sobre esta carne, essa mistura de fogos extintos, de gritos abafados, de carnificina, sobre tudo isso que não se pode fazer nada, nem dizer nada, sofre-se apenas, desespera-se e luta-se. Creio que na verdade a gente luta.

MIRELA - Esse combate tem nome?

ALINE – Não mesmo. Por que dar nome ao combate é matar o nada, é deter a vida.

ANA PAULA – E não se pode jamais deter a vida.

ALINE – Porque a vida não é esse tédio destilado, essa mordança infernal com que fazem embolorar as nossas consciências e que tem necessidade de música, de poesia, de teatro e de amor para explodir de vez em quando, mas tão pouco que nem vale a pena falar. O homem da terra se entedia até a morte e tão profundamente que já nem sabe mais se deita, dorme, levanta-se, passeia, come, escreve, engole, respira, caga com uma máquina silenciada, como um resignado sepultado na terra das paisagens e que a sociedade subjulgou num corpo submetido a leituras, bom dia, boa noite, como está...

TODOS (*xilofonia vocal com ecos e sobreposições*) – Bom dia.

- Boa noite.
- Come está
- O tempo está bonito.
- A chuva vai refrescar...
- Venha tomar chá.
- Tric-trac.
- O cardápio.
- A boccia.
- O jogo de damas.

CENA 13

ANA PAULA - Há certos dias em que o coração sente tão terrivelmente a falta de saída, que lhe surpreende, como um soco na cabeça, a idéia de não poder seguir adiante.

LENITA – (*sussurrando, em prantos*) Eu quero encontrar a força, as forças para desencadear essa mudança. E quando eu tiver isso em mãos, poderei realizar o verdadeiro drama que devo executar. Desta vez com a certeza do sucesso. Não sei o que o futuro me reserva. Parto á procura do impossível.

JOANA - Ela se perderá, aquela nave antiga
No mar que banhará os meus sonhos perdidos;
E seus imensos mastros serão confundidos
Na neblina de um céu de bíblia e de cantiga.
Não é antiga a melodia, nem bucólica,
Soando, misteriosa, entre os galhos despídos
E o navio santo jamais terá vendido
Os mais raros tesouros por terras exóticas.
Ele ignora os fogos dos portos do mundo.
E só conhece a Deus, solitário, a singrar
Para sempre as ondas gloriosas do infinito.
Sua proa mergulha em mistério profundo.
Na ponta de seus mastros brilha toda noite,
prateada, mística, pura a estrela polar.

ANA PAULA - Não há fantasmas, não há visões, nada de alucinações. É a verdade tórrida de um sol das duas da tarde. Um lento pesadelo pouco a pouco elucidado. É o luzir molhado de um pasto, de um pé

de trigo que está prestes a ser extraditado. E dos quais um dia a natureza prestará contas. Como a sociedade também prestará contas por sua morte prematura.

CENA 14

LUA - Tenho apenas pequenos pensamentos e uma alma pequenina. Não estou conseguindo ser eu, mas apenas uma parte de mim. Passamos a vida inteira procurando a nós mesmos, buscando não as palavras, mas sim o estado mental que corresponde ao espírito em si.

LENITA – (*entre lágrimas*) As coisas não são como são. As coisas não são como nós sentimos.

LUA - Não sei o que o futuro me reserva. Parto à procura do impossível. Existe em mim alguma coisa de horrendo que sai... que não provém de mim. Passamos a vida inteira procurando a nós mesmos, buscando não as palavras, mas sim o estado mental que corresponde ao espírito em si.

LENITA – (*entre lágrimas*) Quando o estado existe, as palavras chegam sempre. A alma do homem não está nas palavras.

LUA – (*dançando*) A ordem é elaborada no mistério. O mesmo mistério de toda a poesia. Eu sei de onde venho. Eu sei quem sou eu.

TODOS (*por baixo da fala da Lua*) – Quem sou eu?

TODOS- Eu.

Todos continuam murmurando “Quem sou eu?” e “Eu” por baixo da fala da Lua.

LUA - Eu. Existe na minha alma; existe no meu corpo um reflexo de Deus do outro lado das coisas. Eu sei como são feitas as coisas. Eu sei quem sou eu. E não posso mais perder a razão porque Deus está nos meus nervos e daí me dirige. Não sinto mais o meu corpo, os seus limites definidos. E sou mais feliz por pertencer ao ilimitado do que de pertencer a mim mesma.

CENA 15

I.ua cai e começa a falar o poema em outra língua, enquanto todos voltam-se para a platéia.

TODOS: Quem sou eu?

De onde venho?

Eu sou Antonin Artaud

e basta eu dizer isso

do jeito que sei dizer isso

que imediatamente

vocês verão meu corpo

voar em pedaços

e se juntar novo

em dez mil aspectos

notórios

um corpo novo

no qual vocês

nunca mais

me esquecerão.

Todos dizem o poema abaixo, cada um em uma língua, voltados para a platéia.

Quem sou eu?
 De onde venho?
 Eu sou Antonin Artaud
 e basta eu dizer isso
 do jeito que sei dizer isso
 que imediatamente
 vocês verão meu corpo
 voar em pedaços
 e se juntar novo
 em dez mil aspectos
 notórios
 um corpo novo
 no qual vocês
 nunca mais
 me esquecerão.

Chi sono?
 Da dove vengo?
 Sono Antonin Artaud
 e che io lo dica
 come so dirlo
 immediatamente
 vedrete il mio corpo attuale
 andare in frantumi
 e ricomporsi
 sotto diecimila aspetti
 notori
 un corpo nuovo
 e non potrete

Qui suis-je?
 D'ou je viens?
 Je suis Antonin Artaud
 et que je le dise
 comme je sais le dire
 immédiatement
 vous verrez mon corps
 voler en éclats
 et se ramasser
 sous dix milles aspects
 notoires
 un corps neuf
 ou vous ne pouvez
 plus jamais
 m'oublier.

dimenticarmi
 mai più.

¿Quién Soy?

¿De dónde vengo?

Soy Antonin Artaud

Y si lo digo

Como sé decirlo

Inmediatamente

Veréis mi actual cuerpo

Volar en pedazos

Y reunirse bajo

Diez mil notables

aspectos

Un nuevo cuerpo

Donde no podréis

Nunca más

Olvidarme

Wie ben ik?

Waar kom ik vandaan?

Ik ben Antonin Artaud

En dat ik het zegge

zoals ik het kan zeggen

ogenblikkelijk

u zult mijn huidig lichaam

in stukken zien springen

en hun krachten verzamelen

onder tienduizend beruchte gestalten

een nieuw lichaam

waarin u mij

nooit meer

kunt vergeten.

Who am I?

Where do I come from?

I am Antonin Artaud

and if I say it

as I know how to say it

immediately

you will see my present body

fly into pieces

and under ten thousand

notorious aspects

a new body

will be assembled

in which you will never again

be able

to forget me.

Todos olham para o corpo de Lua que é removido e conduzido num cortejo.

CENA 16

ROGÉRIO - E a vida atual se mantém em sua velha atmosfera de estupro...

DIPA - ...de anarquia...

JÚ - ...de desordem...

JOANA - ...de delírio

ROGÉRIO- ...de desenfreio

LAURINDO - ...de loucura crônica...

MIRELA - ...de inércia burguesa...

JOANA - ...de anomalia psíquica...

LENITA- ...de desonestidade intencional...

MEIRE - ...de insígne hipocrisia...

TATHI - ...de crime organizado enfim.

ANA PAULA/ALINE (ecoa) - Pode-se viver para o infinito, existe sobre a terra e nas esferas, suficiente infinito para saciar a milhares de grandes gênios e só não se satisfaz o desejo de irradiar o infinito durante toda a vida, porque a sociedade não permite : basta, ela diz, pra tumba, estamos fartos de gênios, o infinito pertence a nós.

CENA 17

No escuro, ouvem-se as vozes de todos.

TODOS - Este suplício deve cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus... Este suplício vai cessar porque ele rouba a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus... Este suplício tem de cessar porque e, e lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus...

Acende-se um foco: no lugar onde estava o corpo de Lua há agora uma coluna de argila.

Meire, Tathi e Mirela atacam o barro, começam a esculpir um imenso corpo de homem.

MEIRE - Toda transformação cultural importante começa com uma idéia renovada do homem.

TATHI - É preciso buscar uma nova idéia do homem.

MEIRE - O homem está enfermo porque é mal construído.

TATHI - Se quiserem, podem me colocar em camisa de força mas não existe coisa mais inútil do que um órgão.

MEIRE - O corpo não precisa de órgãos, o corpo jamais é um organismo

TATHI - Os organismos são os inimigos do corpo

- MEIRE - Quando conseguirem um corpo sem órgãos, terão libertado o homem dos seus automatismos e devolvido a sua verdadeira liberdade.
- TATHI - Não existe mais nada, nem ninguém, a alma está insana,
- MEIRE - Não existe amor, nem raiva existe, todos os corpos estão saciados, as consciências resignadas.
- TATHI - Não existe mais nada. Só uma imensa satisfação de inertes, de ruminantes da alma, de servos da imbecilidade...
- MEIRE - Bando de insípidos que quer impor o seu ódio pela poesia...
- DIPA - Já passou a hora de reunir as pessoas em um teatro mesmo que seja para dizer verdades. Com a sociedade não existe outra linguagem senão a das bombas, das metralhadoras, das barricadas.
- JOANA - O mundo tem fome e por isso não se preocupa com a cultura. É artificial tentarmos ~~re~~dirigir para a cultura pensamentos que estão voltados mesmo é para a fome.
- LAURINDO - Fazemos uma idéia dissociada de cultura, como se existisse a cultura de um lado e a vida de outro. Como se a verdadeira cultura não fosse um meio refinado de compreender e de exercer a vida.

~~ROGÉRIO~~ De pé, deitado, sem se anular. Eu nasci da minha dor.
Dyda

TATHI - Até hoje fui artista.

MEIRE- Mas os artistas são escravos.

TATHI- Houve um tempo em que o artista era sábio.

MEIRE- Profeta.

TATHI- Mago.

MEIRE- Terapeuta.

TATHI - O artista reunia em si todas as faculdades de todas as ciências

MEIRE- Ciência e poesia são uma coisa só.

TATHI - Ciência e poesia são a mesma coisa.

VOZES EM ECO - Ciência e poesia são uma coisa só. Ciência e poesia são a mesma coisa.

ALINE - A verdadeira cultura não está nos livros, nas pinturas, nas estátuas, nas danças. A verdadeira cultura está nos nervos, nos órgãos sensíveis. Quando a verdadeira cultura tiver sido

reconquistada, nem máquinas, nem canhões, nem aviões, nem bombas terão mais qualquer poder sobre ela. (VIRA)

LENITA - Dia após dia a ciência descobre novas forças. Mas por debaixo dessas forças, existem outras forças desconhecidas, mais sutis que vêm da alma da natureza. Forças analógicas, graças às quais o organismo funciona de acordo com o organismo da natureza.

LAURINDO - É preciso que as coisas mudem. A qualquer custo.(VIRA)

ROGÉRIO - Pra viver, eu preciso de poesia.

JÚ - Os livros, os textos, as revistas são tumbas. Tumbas que devem ser profanadas, para não vivermos eternamente rodeados de mortos. O dever do escritor, do poeta não é se encerrar numa revista, num texto, num livro, mas sim sair fora para sacudir, para atacar o espírito público.

ROGÉRIO - Do contrário, para que serve o poeta? Para que nasceu?(VIRA)

ANA PAULA - O que define a vida é que destilamos, nós todos, as nossas percepções, as nossas impressões

TATHI - e que vivemos só a conta-gotas,

JOANA - respirando o ar das paisagens do alto e à margem,

MIRELA - deixando o amor do lado de fora.

LUA - E não que o amor não tenha alma, é a alma do amor que não existe mais.

TATHI/MEIRE- Pra mim é o absoluto ou nada.

“FRANCES”- Pra mim é o absoluto ou nada.

“FRIDAS”, ...TODOS - Pra mim, é o absoluto ou nada

JOANA - E é isso que eu tenho a dizer para este mundo sem alma.

ALINE - De agora em diante vou me dedicar exclusivamente à poesia como eu entendo,

MEIRE - uma arte de sangue,

LENITA - uma arte em que cada obra consiga algum avanço

LUA - corporalmente

MIRELA - para aquele que cria, assim como para aquele que aprecia.

LAURINDO - Além disso, não se aprecia, age-se.

ROGÉRIO - Na verdade, a arte é a gênese da criação.

DIPA - E será feita.